



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

THAYNAR DE FREITAS ALBUQUERQUE

**O PAPEL DA FAMÍLIA NO SUCESSO E FRACASSO ESCOLAR: O CASO
DA ESCOLA ESTADUAL SENADOR JOSÉ GAUDÊNCIO**

**SUMÉ - PB
2019**

THAYNAR DE FREITAS ALBUQUERQUE

**O PAPEL DA FAMÍLIA NO SUCESSO E FRACASSO ESCOLAR: O CASO
DA ESCOLA ESTADUAL SENADOR JOSÉ GAUDÊNCIO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador Dr. Rozenval de Almeida e Sousa.

**SUMÉ - PB
2019**

A345p Albuquerque, Thaynar de Freitas.
O papel da família no sucesso e fracasso escolar: o caso da Escola Estadual Senador José Gaudêncio. / Thaynar de Freitas Albuquerque.- Sumé - PB: [s.n], 2019.

50 f.

Orientador: Professor Dr. Rozenval de Almeida e Sousa.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Família e educação. 2. Fracasso escolar. 3. Sucesso escolar. 4. Capital cultural familiar. 5. Sociologia da educação. I. Souza, Rozenval de Almeida e. II. Título.

CDU: 37.015.4(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

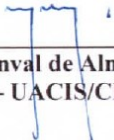
Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

THAYNAR DE FREITAS ALBUQUERQUE

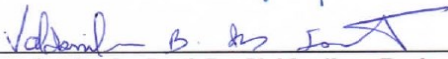
**O PAPEL DA FAMÍLIA NO SUCESSO E FRACASSO ESCOLAR: O
CASO DA ESCOLA ESTADUAL SENADOR JOSÉ GAUDÊNCIO**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais do
Centro de Desenvolvimento Sustentável
do Semiárido da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado(a)
em Ciências Sociais

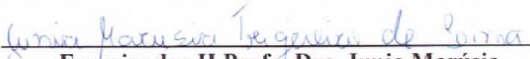
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Rozenval de Almeida e Sousa
Orientador – UACIS/CDSA/UFCG



Examinador I – Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos
UACIS/CDSA/UFCG



Examinador II Prof. Dra. Junia Marúcia
Trigueiro de Lima
UACIS/CDSA/UFCG

Trabalho aprovado em: 11 de dezembro de 2019.

SUMÉ – PB

Dedico essa conquista em especial a minha mãe Eliane Maria de Freitas e ao meu pai Josinaldo Albuquerque da Silva. Vocês são a razão da minha vida. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus por me dar forças e me manter firme para enfrentar todos os obstáculos que surgiram durante todo o meu processo de formação e de desenvolvimento dessa pesquisa.

Em especial a minha família, principalmente aos meus pais pelo amor, incentivo e apoio incondicional durante toda minha vida escolar e acadêmica, pois sem eles não chegaria até aqui, e mesmo diante de tantas dificuldades sempre me fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente e que sem o estudo não somos nada.

Agradeço também a minha irmã Eniedna e ao meu companheiro de tantos anos Diogo que jamais me negou apoio, carinho e incentivo, obrigado por aguentar tantas crises de estresse e ansiedade.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Rozenval de Almeida e Sousa, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho e pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Em especial, a todos os professores e amigos que conquistei na UFCG-CDSA, por todos os momentos vividos e compartilhados.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

RESUMO

A presente monografia trata-se de um estudo de caso que tem como tema o papel da família no sucesso e fracasso escolar, realizada na Escola Estadual Senador José Gaudêncio, Serra Branca (PB). Com o objetivo de identificar a participação das famílias na vida escolar dos filhos, abordando o que contribuiria para o sucesso ou fracasso escolar do filho/aluno. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cuja parte empírica foi desenvolvida por meio de questionários destinadas a direção da escola, pais e alunos. O aporte teórico concentra-se, sobretudo nas reflexões de Michael Young (2007), Lahire (1997), Ioschpe (2012) dentre outros, apresenta o conhecimento poderoso; reflete a ideia do capital cultural familiar e discute como a sociologia da educação aborda a relação família-escola relacionada ao sucesso e o fracasso escolar. Os resultados indicam que, os participantes da pesquisa têm uma compreensão do que é participação familiar, embora cada um possua papéis distintos no que se referem ao ensino e aprendizagem, porém cada um sabe quais são seus deveres perante a escola. Considerando que, a falta de participação familiar é devido à falta de tempo ocasionado pela profissão dos pais, o sucesso escolar na visão dos alunos estaria relacionado tanto com a participação dos pais nos eventos da escola, nos incentivos dados, e como os professores trabalham o conhecimento interdisciplinar nos conteúdos das disciplinas em sala de aula e o fracasso escolar seria atribuído a falta de domínio dos professores em abordar teoria e prática em determinadas disciplinas.

Palavras-Chave: Escola. Família. Sucesso. Fracasso.

ABSTRACT

This monograph is a case study on the role of the family in school success and failure, held at Senador José Gaudêncio State School, Serra Branca (PB). In order to identify the participation of families in the school life of children, addressing what would contribute to the success or failure of the child / student. This is a qualitative, research, whose empirical part was developed through questionnaires aimed at the school, parents and students. The theoretical contribution is concentrated mainly on the reflections of Michael Young (2007), Lahire (1997), Ioschpe (2012) and others, presents the powerful knowledge; reflects the idea of family cultural capital and discusses how the sociology of education addresses the family-school relationship related to success and failure in school. Results indicate that survey participants have an understanding of what family participation is, although each one has distinct papers in teaching and learning, but each one knows what their duties are towards the school. Considering that the lack of family participation is due to the lack of time brought about by the parenting profession, school achievement in the students' view would be related to both parent participation in school events, incentives given, and how teachers work. interdisciplinary knowledge in content, classroom subjects and, school failure would be attributed to teachers' lack of mastery approaching the theory and practice in particular subjects.

Key Words: School. Family. Success. Failure.

LISTA DE SIGLAS E ABREVEATURAS

EJA - Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

Qedu – Portal destinado ao acompanhamento da qualidade do aprendizado dos alunos nas escolas públicas e cidades brasileiras.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1	CONHECIMENTO PODEROSO.....	13
2.2	CAPITAL CULTURAL FAMILIAR.....	16
3	COMO A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO ABORDA A RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA EM RELAÇÃO AO SUCESSO OU FRACASSO ESCOLAR.....	20
4	NOTAS SOBRE O MUNICÍPIO E A ESCOLA.....	24
4.1	O MUNICÍPIO DE SERRA BRANCA – PB.....	24
4.2	A ESCOLA ESTADUAL SENADOR JOSÉ GAUDÊNCIO	24
5	ESTUDO DE CASO: A ESCOLA ESTADUAL SENADOR JOSÉ GAUDÊNCIO	26
5.1	SUCESSO E FRACASSO ESCOLAR – O PAPEL DA FAMÍLIA: O CASO DA ESCOLA ESTADUAL SENADOR JOSÉ GAUDÊNCIO.....	28
5.1.1	Descrição e análise do questionário aplicado com a direção da escola.....	28
5.1.2	Descrição e análise dos questionários aplicado com os pais.....	31
5.1.3	Descrição e análise dos questionários aplicado com os alunos.....	36
5.1.4	Sucesso e fracasso escolar: uma análise através do currículo.....	38
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	45
	APÊNDICE A - Instrumento de Coleta de Dados.....	49
	APÊNDICE B - Instrumento de Coleta de Dados.....	50
	APÊNDICE C - Instrumento de Coleta de Dados.....	51

1 INTRODUÇÃO

A família tradicionalmente tem sido apontada como uma parte fundamental do sucesso ou fracasso escolar. E de acordo com Reis (2010, p.11) “a busca de uma harmonia entre a família e a escola deve fazer parte de qualquer trabalho educativo que tem como foco a formação de um indivíduo”. Essa harmonia entre ambas se baseia na divisão do trabalho da educação de crianças e jovens, envolvendo expectativas recíprocas.

Levando em consideração que o ser humano aprende o tempo todo, nos mais diversos interesses que a vida lhe apresenta, que “o papel da família é essencial, pois é ela que determina, desde cedo, o que seus filhos precisam aprender, quais são instituições que devem frequentar, o que é necessário saberem para tomarem as decisões que os beneficiem no futuro” (REIS, 2010, p.10).

Partindo do que foi descrito acima a pesquisa trata-se de um estudo de caso realizado na Escola Estadual Senador José Gaudêncio, localizada no município de Serra Branca, cariri Paraibano. Tem como temática o papel da família no sucesso e no fracasso escolar. Visto que, historicamente a família e a escola são instituições que surgem como socializadora dos indivíduos, e embora distintas no que se refere a seu papel de educação, a família é o primeiro ambiente de convívio da criança e a escola vem para dar continuidade a todo esse processo de aprendizagem. No entanto, a escolha desse tema se deu em virtude de entender essa relação que enfrenta diversos desafios relacionados com o papel e responsabilidade que cada instituição possui na formação integral dos jovens, principalmente para um melhor desenvolvimento do ensino-aprendizagem do aluno.

Pois, o espaço de aprendizagem já não pode mais ser pensado de forma restrita a escola ou a sala de aula, assim como não cabe mais compreender a participação familiar como exclusiva ao ambiente de casa, já que o desenvolvimento dos jovens não acontece de maneira isolada nos diversos espaços que frequentam.

Através disso, essa pesquisa tem como objetivo buscar identificar como é a participação dos pais na vida escolar dos filhos, através disso analisar quais os espaços abertos no ambiente escolar para uma possível interação, compreender qual a ideia que os próprios estudantes fazem da escola e da família, deste modo avaliar o que contribuiria para o sucesso ou fracasso escolar dos

alunos, através dessa relação família – escola, bem como através de uma breve análise sobre o currículo. Deste modo, apontando o ponto de vista dos pais, da gestão e dos alunos.

Diante disso, o tema será abordado através das teorias de vários autores e pesquisadores, dentre eles o sociólogo Michael Young (2007) sobre como se estrutura o conhecimento poderoso e suas contribuições sobre o currículo e a educação. A partir disso abordar a ideia do capital cultural familiar através do pensamento do sociólogo Bernard Lahire (1997). Por fim, analisar como a sociologia da educação aborda o contexto da relação família-escola, relacionadas ao sucesso e o fracasso escolar.

Diante das observações de campo realizadas na escola Estadual Senador José Gaudêncio, observou-se que tanto a gestora da escola quanto os alunos acham que a participação dos pais é importante e fundamental para o sucesso escolar. Porém, sentem falta de um acompanhamento constante deles nos eventos escolares, e os alunos relatam que esse sucesso escolar não dependeria apenas dessa participação, estaria relacionado também com os métodos que os professores utilizavam para trabalhar os assuntos das disciplinas em sala de aula. Diante disso, surgiu o interesse de entender os fatores que envolvem essas duas instituições no processo de aprendizagem, bem como, analisar os fatores contribuintes para o sucesso ou fracasso escolar desses alunos, principalmente para construção do seu conhecimento.

Uma vez que é possível observar em famílias de classe média principalmente no âmbito da escola pública, que as reclamações por parte dos professores e da direção da escola, sobre as dificuldades de aprendizagem de seus alunos e da falta de participação dos pais são constantes pois, os pais na maioria das vezes acabam priorizando o trabalho e deixando esse contato com a escola um pouco de lado. No entanto, isso não pode ser considerado fruto de desinteresse, visto que, a presença na escola não é o único ambiente propício a estimular os filhos ao estudo, no entanto, isto ainda acaba se tornando uma das maiores barreiras entre essas duas instituições.

Daí a importância voltada para identificar todos esses fatores existentes no contexto escolar. Pois, é imprescindível que ambas as partes sigam os mesmos princípios e critérios bem como, a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir, propiciando ao aluno uma segurança na aprendizagem de forma que venha a criar cidadãos críticos capazes de enfrentar a complexidade de situações que surgem na sociedade.

Através disso, a pesquisa trata-se de um estudo de caso que tem como metodologia a pesquisa qualitativa, que teve um total de trinta e cinco participantes, dentre eles, vinte e sete alunos

do 1^a, 2^a e 3^a ano do ensino médio com faixa etária de 14 a 18 anos, uma participante foi a diretora da escola e os outros sete participantes foram os pais desses alunos. As entrevistas foram realizadas tanto de forma coletiva nas salas de aulas, como de forma individual e autorizadas pela direção da escola que pediu o anonimato dos participantes. Utilizou-se para essa pesquisa a técnica de aplicação de questionários como instrumento de coleta de dados.

Um estudo de caso de acordo Merriam (1988 *apud* BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.89) “consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa a mesma de acordo com Kauark; Manhães e Medeiros (2010, p. 26) “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas”. Deste modo a pesquisa de abordagem qualitativa é uma proposta de investigação que, sem perder seu caráter científico, possibilita que o pesquisador tenha mais contato com o investigado possibilitando uma maior compreensão e várias interpretações através de respostas, expressões e dentre outros, para um maior detalhamento da pesquisa.

A monografia foi dividida em quatro sessões: A primeira sessão discorre sobre o conhecimento poderoso através da ideia de Michael Young, seguindo do conceito de capital cultural familiar através da ideia central de Bernard Lahire. A segunda sessão discute sobre como a sociologia de educação aborda a relação família-escola com relação ao sucesso e o fracasso escolar. Na terceira sessão abordo um breve histórico sobre o município de Serra Branca PB e sobre a Escola Estadual Senador José Gaudêncio. Por fim, na quarta sessão discute todo o estudo de caso e toda a análise dos questionários aplicados com a direção, pais e alunos afim de colher as principais respostas sobre o tema.

Diante dos diversos questionamentos que envolvem o processo inicial da pesquisa, fica claro que a comunidade escolar, de forma geral, tem como objetivo levar em consideração o processo de aprendizagem dos alunos para o seu pleno desenvolvimento educacional e social. Isso significa que, a família e a escola precisam estar em sintonia, fazendo com que o processo de ensino-aprendizagem tenha resultados satisfatórios a todos os envolvidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta sessão irá abordar conceitos sobre o conhecimento poderoso e o currículo escolar através das ideias centrais do sociólogo Michael Young (2007). Abordando também como se caracteriza o capital cultural familiar através do sociólogo Bernard Lahire (1997).

2.1 CONHECIMENTO PODEROSO

Aqui será discutido através dos autores e pesquisadores o conceito do conhecimento poderoso e como ele se caracteriza na família e na educação. A educação é vista pela família desde que nascemos como um processo na qual as crianças desde cedo começam adquirir conhecimento sobre diversos assuntos que não são debatidos no seu seio familiar, pois a família por si só não pode fornecer um conhecimento mais aprofundado sobre assuntos que são necessários para formação dos jovens, ela inicia o processo de socialização e a escola vêm para dar continuidade a esse processo.

Através disso falar sobre conhecimento se torna fundamental para a compreensão do legado que se pretende transmitir para as gerações futuras. Nestes termos, o currículo surge como algo importante para o campo de apresentação das várias concepções de abordar o conhecimento escolar. Deste modo para o sociólogo Michael Young (2007, p. 1294) “as escolas capacitam ou podem capacitar jovens e adultos a adquirirem um conhecimento que, para a maior parte deles, não pode ser adquirido em casa, nem na comunidade, ou mesmo nos seus locais de trabalho”.

No entanto, a proposta de Young é abordar dois tipos de conhecimentos no âmbito escolar e suas implicações no currículo. Diferenciando o “conhecimento dos poderosos” e “conhecimento poderoso”. Sousa (2014) aborda a ideia de como se diferencia esses dois tipos de conhecimentos:

O conhecimento dos poderosos é definido por aqueles que detêm o conhecimento, de modo que, historicamente e mesmo na atualidade, quando se pensa na distribuição do acesso à universidade, aqueles com maior poder na sociedade são os que têm acesso a certos tipos de conhecimento. Todavia, o conhecimento dos poderosos ou conhecimento de alto status é apenas parte do conhecimento, o que não diz nada sobre o conhecimento em si. Assim, necessário se torna, no enfoque do currículo, o desenvolvimento de um outro conceito que Young chama de conhecimento poderoso. Referido conceito abrange o conhecimento realmente útil, ou seja, trata daquilo que o conhecimento pode fazer, como, por exemplo,

fornece explicações confiáveis ou novas formas de se pensar o mundo. (SOUSA, 2014, s.p)

Deste modo, a escola se torna o meio de capacitação de jovens e adultos, buscando adquirir um conhecimento especializado. Mas não qualquer tipo de conhecimento, não o “conhecimento dos poderosos” oferecidos apenas para aqueles cujo hierarquia está acima nas classes sociais, mas o “conhecimento poderoso”, um conhecimento capaz de abrir os olhos, a mente para uma formação de identidade crítica em relação as coisas que nos cercam, capaz de alterar as dimensões intelectuais de um indivíduo, capaz de transmitir explicações confiáveis ou novas formas de pensar a respeito do mundo.

Porém, as escolas nem sempre têm êxito quanto a capacitação dos alunos em adquirir este conhecimento poderoso, alguns obtêm mais sucesso que outros, e isso tudo depende da cultura e do contexto em que este jovem está inserido. Pois, o grande problema reconhecido por Young (2007, p.1296) e não restrito a ele, refere-se ao capital cultural, pois para ele o “sucesso dos alunos depende altamente da cultura que eles trazem para a escola”.

Sabendo disso, e com base nas definições do autor, é muito difícil contrapor a esses argumentos quando se sabe que para o aluno desfavorecido de classe média ou baixa, a escola é um meio (senão único) para adquirir conhecimento poderoso. E independente do meio em que esse aluno está inserido, ele pode sim aprender conteúdos de conhecimentos científicos, além do que ele acha ou pensa que irá utilizar.

Deste modo, o currículo escolar deve ser visto para além de um instrumento para atingir objetivos, mas como algo intrínseco a razão de existir escolas. Um aspecto importante a considerar, é que o conhecimento escolar possui características que o distingue de outras formas de conhecimento:

O currículo tem que levar em consideração o conhecimento local e cotidiano que os alunos trazem para a escola, mas esse conhecimento nunca poderá ser uma base para o currículo. A estrutura do conhecimento local é planejada para relacionar-se com o particular e não pode fornecer a base para quaisquer princípios generalizáveis. Fornecer acesso a tais princípios é uma das principais razões pelas quais todos os países têm escolas”. (YOUNG, 2007, p. 13 *apud* PEREIRA, s.a, p.63).

Neste ponto a ênfase recai sobre a necessária tarefa da escola em transmitir o conhecimento científico e mais especializado aos alunos. “Os alunos não vão à escola para aprender o que eles já sabem” (YOUNG, 2007, p. 14).

Pois, em todos os campos de investigação há o “melhor conhecimento”, o mais confiável, o mais próximo da verdade sobre o mundo em que vivemos. E é desse “conhecimento poderoso” que a educação escolar deve se ocupar. Afirmar que existe um melhor conhecimento não significa que um seja bom e outro ruim, mas significa dizer que há estruturas e finalidades diferentes, por isso o conhecimento curricular difere daquele baseado na experiência cotidiana.

É isso que os pais esperam, quando fazem sacrifícios para manterem os filhos na escola: “que eles possam adquirir o conhecimento poderoso que não está disponível em casa” (YOUNG 2007, p. 1294 *apud* SOUSA, 2014). Deste modo, para Young o conhecimento poderoso é o eixo central do currículo e se torna necessário que a educação escolar volte suas preocupações a esta questão: este currículo é um meio para que os alunos possam adquirir o conhecimento poderoso? Nesta direção, entende-se poderoso como conhecimento não só relacionado com o cotidiano, mas um conhecimento capaz de promover a autonomia dos jovens estudantes.

Desta forma se as experiências do cotidiano podem ser limitadas, para Rodrigues (2014, s.p) “a escola deve então ser o canal para a construção do conhecimento e novas experiências, ofertar o acesso, que as famílias não podem dar, e não apenas isso, garantir condições para que o estudante possa ser o próprio agente modificador de sua realidade”.

Assim, a educação junto com a escola faz o papel de socializar o conhecimento, atuando na formação dos alunos, e é essa soma de esforço que promove o pleno desenvolvimento do indivíduo como cidadão. A educação associa-se, pois, a processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade adquirem suas habilidades, experiências e valores que são existentes no meio cultural que se estar inserido, com isso a escola junto com a educação acaba assumindo assim seu compromisso como local de transmissão de saber e construção do conhecimento. Como diz Apple (2004):

A educação é um local de luta e conciliação. Ela também serve como substituto para batalhas maiores com relação aquilo que as nossas instituições deveriam fazer, a quem elas deveriam servir, e quem deveria tomar essas decisões. E ainda assim, por si só, ela é uma das mais importantes arenas por meio da qual são trabalhados recursos, forças e ideologias específicas para políticas, finanças, currículo, pedagogia e avaliação na educação. (APPLE, 2004, p.45)

Portanto, a educação deve encontrar maneiras de responder a esses desafios considerando múltiplas visões de mundo e outros sistemas de conhecimento que nos mobilize a uma formação humana que se adapta, evolui, se fundamenta e que acredita no conhecimento compartilhado,

construído de forma coletiva, fazendo com que o diálogo principalmente com as famílias se torne fundamental para a produção do conhecimento. Visando assim uma abordagem mais fluida da aprendizagem na qual as escolas interajam de forma mais próxima com outras experiências tanto voltadas para o contexto da família como do alunado.

2.2 CAPITAL CULTURAL FAMILIAR

Como abordado anteriormente a escola deve ser o local em que os pais esperam que os filhos adquiram um conhecimento mais especializados sobre assuntos que não estão disponíveis em casa. Partindo desse contexto será abordado o conceito de capital cultural, adquirido nas famílias deste o processo de socialização e como ele se constitui.

No campo da Sociologia da Educação, o sociólogo Lahire (1997) se define, em grande medida, a partir do diálogo, explícito ou não, que estabelece com a Sociologia de Bourdieu. Em sua obra *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*, Lahire (1997) demonstra a especificidade da realidade individual e a possibilidade de sua compreensão sociológica por meio da investigação detalhada dos processos de socialização e dos contextos de ação.

Deste modo para Lahire (*apud* NOGUEIRA, 2013, p.2) “os riscos dessa evocação abstrata dos processos de socialização e de uso do passado incorporado revelam-se, sobretudo, quando se passa da escala coletiva para a escala individual de análise”. Ou seja, é preciso analisar os indivíduos a partir de um grupo ou de uma classe social no contexto em que são socializados, e que, em função dessas, tendem a agir predominantemente de determinada maneira.

Assim Lahire (1997) aborda através do processo de socialização o conceito do capital cultural de Bourdieu, que constitui a bagagem intelectual, de estilo, gosto e comportamento que o indivíduo desenvolve e acumula ao longo de sua trajetória, apreendido sobremaneira no âmbito familiar, por meios indiretos do que diretos, ou seja, no dia a dia, com a convivência. Isto é, o que define certos costumes do indivíduo, é ter acesso a diversos elementos que desenvolvam a cultura, seja de objetos materiais a formas abstratas, que pode ser transmitido para os jovens de muitas maneiras.

No entanto, a presença objetiva de um capital cultural só terá sentido se este for colocado em condições que tornem possível sua “transmissão”, ou seja, para Lahire (1997) não basta uma criança estar cercada de objetos ou circular em ambientes estimulantes do ponto de vista escolar,

se as competências e os estímulos relativos ao acúmulo de capital cultural não encontrarem situações para que sejam postos em prática. Estímulos esses como a leitura, incentivo e ajuda dos pais nas atividades escolares em casa ou na escola.

Deste modo Nogueira (2013, p.3) aborda que “não bastaria, por exemplo, identificar a presença ou ausência de pais com capital cultural elevado. Seria preciso identificar se esse capital encontra as condições de sua transmissão no interior da configuração familiar em que o indivíduo está inserido e da qual fazem parte”. Pois, de acordo com Lahire, (1997, p. 338) “é preciso estar atento para as modalidades efetivas de “transmissão” destas disposições culturais”.

Deste modo, Lahire (1997 *apud* PIOTTO, s.a, p.6) nos perfis descritos e estudados em suas pesquisas, aborda que:

Havia casos que iam desde “fracassos” previsíveis isto é, realidades escolares difíceis vividas por alunos cujos pais possuíam baixa escolaridade, profissões não-qualificadas, o que caracterizaria uma situação de baixo capital cultural, passando por histórias de “fracassos” improváveis, ou seja, crianças que, apesar de viverem em condições mais favoráveis à escolarização (pais com maior nível de instrução, por exemplo), tinham desempenho acadêmico bastante ruim, até os casos de “sucessos” brilhantes de alunos que, embora sujeitos a condições extremamente difíceis no tocante ao trabalho acadêmico, possuíam um desempenho escolar exemplar.

Então a despeito da semelhança de origem social e condições de vida, os caminhos percorridos pelas trajetórias escolares dessas crianças foram heterogêneos e múltiplos. Então para compreender os comportamentos e resultados escolares é necessário reconstruir a rede de relações familiares da criança em questão. Através disso, Lahire (1997 *apud* BINDO, 2014, s.p) aborda a ideia do capital cultural através do meio social em que estar inserido:

A Educação vem do ambiente social. O fato de que ela seja diferente conforme o meio é um dado comum a todas as sociedades desiguais. Bairros pobres normalmente têm escolas com menos estrutura e famílias com baixo capital cultural, que muitas vezes não ajudam no desenvolvimento do aluno. É triste, mas nesse contexto a criança está fadada ao fracasso. Repito, tudo vem do ambiente social, dos obstáculos aos sucessos. Um estudante não consegue sair sozinho de suas dificuldades de aprendizagem, as influências externas são fundamentais – seja o apoio de um familiar, de um amigo estudioso ou de professores competentes.

O fato de sabermos, por exemplo, que o nível de escolaridade dos pais está diretamente relacionado ao desempenho escolar dos filhos não nos permitiria deduzir que determinado adolescente, filho de pais altamente escolarizados, tem ou terá bom desempenho escolar. Ou filhos de pais com baixa escolaridade terá um desempenho escolar ruim. Se pretendermos compreender o comportamento de um adolescente específico, estaremos lidando com uma realidade muito mais complexa do que aquela normalmente desenhada pela Sociologia da Educação.

O problema apontado por Lahire (*apud* NOGUEIRA, 2013, p.4) “é que nenhum indivíduo concreto se reduz ao seu pertencimento a uma única coletividade, seja ela a família, a classe social, o grupo de status, a religião, ou qualquer outra”. Assim, a realidade individual caracterizar-se justamente pela combinação de múltiplas propriedades, mais ou menos coerentes, constituídas em função da participação do indivíduo, simultaneamente ou não, em diferentes universos sociais.

Desta forma, o conhecimento vai através das formas como os familiares interagem com o universo escolar, visto que, às propostas educativas concretizadas nos ambientes escolares, mais que, por certo, devem ser adquiridas e trabalhadas anteriormente no eixo familiar. Ou seja, de acordo com Nogueira (2013, p.3) “é necessário identificar as condições e disposições econômicas, as práticas familiares de escolarização, que se apresentam de forma diferenciada em cada família, que interferem no processo de socialização de cada indivíduo e que repercutem em sua relação com o mundo escolar”.

Pois, no que se refere especificamente aos processos de escolarização, Lahire (1997) ressalta que os adultos normalmente transmitem às crianças não apenas informações objetivas sobre o funcionamento e sobre os conteúdos inerentes ao aprendizado escolar, mas também uma interpretação subjetiva e emocional sobre o mundo escolar, baseada, em grande medida, em sua própria experiência como alunos. Nogueira (2013, p.13) destaca essas experiências:

As experiências de sofrimento, fracasso, humilhação ou, ao contrário, de sucesso e realização pessoal vividas na escola tenderiam a ser repassadas às crianças, mesmo que de maneira involuntária, por meio de práticas e comentários cotidianos relativos, por exemplo, ao nível de dificuldade, de relevância e de prazer associado às diferentes disciplinas, ou ainda sobre o modo de funcionamento da escola e o comportamento dos professores (descritos, por exemplo, como mais ou menos comprometidos, competentes e sensíveis às necessidades das crianças).

Deste modo o autor observa que os membros de cada família transmitem para as crianças, por meio de seus intercâmbios cotidianos, uma certa definição do lugar simbólico da escolarização. Assim, para Lahire (1997 *apud* BINDO, 2014) “A família tem esse poder de dar as ferramentas do sucesso. Sem mencionar que esses momentos em que pais e filhos leem juntos são de cumplicidade, de partilha, de troca, de despertar o espírito de curiosidade na criança”. Então se faz necessário a escola trabalhar junto com os pais, como uma forma de facilitar a harmonização entre esses dois ambientes, além disso é importante que haja investimento em estrutura escolar, através de bons professores, bons equipamentos, boa equipe pedagógica. Pois, são “esses aspectos mais sutis que precisariam ser considerados para se compreender o lugar efetivo que a escolarização ocupa nos processos de socialização a que um indivíduo específico é submetido” (NOGUEIRA, 2013, p.13).

Pois, na verdade, independentemente de ter ou não baixo capital cultural, a transmissão de uma ou outra forma do trabalho escolar deve ser considerada. Ou seja, a escola também deve buscar maneiras nas quais os alunos independentes de classes sociais, obtenham o mesmo nível de conhecimento. Através disso, o capital cultural junto com a educação vem para dá um suporte no desempenho escolar através de livros, diplomas, conhecimentos apreendidos em geral. Pois, como esse processo de acumulação do capital cultural se inicia desde a infância, os indivíduos internalizariam aspectos de sua vivência como propriedades, capitais ou recursos e então construiriam a sua relação com o mundo.

Em síntese, Lahire (1997) propõe uma análise mais detalhada dos processos de constituição das disposições individuais e de atualização dessas em contextos específicos. Deste modo, é preciso analisar detalhadamente as múltiplas experiências de socialização vividas pelo indivíduo, considerando o grau de coerência existente entre elas e sua maior ou menor intensidade.

3 COMO A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO ABORDA A FAMÍLIA E A ESCOLA EM RELAÇÃO AO SUCESSO E O FRACASSO ESCOLAR

Como relatado na sessão anterior, podemos perceber que os elos sociais entre as famílias e a instituição escolar sempre estiveram no centro das preocupações dos sociólogos da educação ao longo do tempo. Estudar o ensino e a qualidade da educação brasileira nos faz perceber a pouca participação efetiva da família na escola, a ausência de recursos materiais que são fundamentais para uma educação de qualidade e entre outras situações, com isso nos permite pensar que seria improvável o sucesso escolar de muitas escolas públicas. Situações como estas que as escolas enfrentam no dia-a-dia tornam-se pertinentes, uma vez que, percebemos a qualidade da educação fragilizada.

Nesse conjunto de insatisfações capazes de gerar o sucesso ou o fracasso escolar, percebe-se que a escola, sem a participação efetiva seja dos alunos, pais, professores e direção e todos os demais que estão inseridos no âmbito educacional, não pode agir sozinha para auxiliar em mudanças que venham para beneficiar as duas instituições, como relata Lahire (1997):

Se a família e a escola podem ser consideradas como redes de interdependência estruturadas por formas de relações sociais específicas, então o fracasso ou o sucesso escolar podem ser apreendidos como o resultado de uma maior ou menor contradição, do grau mais ou menos elevado de dissonância ou de consonância das formas de relações sociais de uma rede de interdependência a outra” (LAHIRE, 1997, p. 19-20).

Pois, quando utilizamos o termo “fracasso escolar”, é como se ele por si só traduzisse seu real significado. No entanto, Zago (2011) aborda o conceito através de sua terminologia:

Trata-se de uma terminologia amplamente difundida em todos os países, mas ainda imprecisa, na linguagem corrente ele é geralmente evocado para indicar baixo rendimento do aluno, aquisição insuficiente dos conhecimentos e habilidades, defasagem na relação idade-série, reprovação, repetência, interrupção escolar sem a obtenção de um certificado, entre outras designações com conotações negativas (ZAGO, 2011, p.58).

Viabilizando suas exigências em termos de conhecimentos e habilidades que são requisitados no trabalho e demais instâncias da vida social, de acordo com Isambert e Jamati (1992 *apud* ZAGO, 2011, p.65) o problema do fracasso e do sucesso escolar se popularizou a partir da

segunda guerra mundial, com a democratização do ensino, mas é principalmente a partir da década de 60, com a generalização do acesso aos estudos secundários em um certo número de países, que o assunto ganha uma produção teórica importante e de grande repercussão no meio educacional.

A partir da expansão do acesso ao ensino, a escola passa a receber um público mais heterogêneo em termos sociais, momento em que os resultados escolares desfavoráveis, revelados sobretudo pelos filhos das famílias de baixa renda, “deste modo a realidade escolar brasileira ganhou maior visibilidade nas estatísticas educacionais e deram origem a inúmeras pesquisas, notadamente do que se convencionou chamar de fracasso escolar” (ZAGO, 2011, p.65). Nesse sentido, o fracasso e sucesso escolar no contexto da relação família e escola deve-se levar em conta diversas transformações econômicas, políticas e sociais da sociedade que ocorreram durante o tempo.

Nesse leque de observações é possível identificar problemas de ordem conceitual, uma vez que a simples denominação relação ou aproximação família – escola engloba um grande número de questões ainda mal definidas. Uma delas é voltada para as desigualdades escolares que são herdadas de suas famílias, sobre a maior probabilidade de fracasso escolar quando os alunos são originários de famílias de baixa renda e baixo capital cultural, onde os pais não possuem conhecimento suficiente, nem acesso a fontes de informação mais aprofundadas.

Através disso, Ioschpe (2012, p.62) aborda que, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Inep¹ com 10 mil pais, cerca de 81% têm uma percepção positiva dos diretores, professores e estrutura do prédio em que seus filhos estudam, então Ioschpe (2012) relata:

O dado mais importante a notar é que 58% têm o ensino fundamental incompleto. Só 3% têm diploma universitário. Três quartos nunca ou raramente leem jornais e livros; 7% acessa a internet. São pessoas de baixíssima formação acadêmica e pouco grau de informação. Como para eles é difícil julgar a qualidade do ensino, uma variável intangível, eles costumam usar como indicador aquilo que é visível. Comparam a escola que cursaram com a do filho e percebem: os prédios são limpos e bonitos, há merenda de boa qualidade, há transporte escolar, o filho recebe uniforme e livros didáticos e, fundamentalmente, há matrícula garantida. 57% dos pais dizem que a escola do filho é melhor que a escola que o pai cursou. O pai fica contente pelo fato de o filho ter as oportunidades escolares que ele não teve. (IOSCHPE, 2012, p.63)

¹ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Então, o fato dos pais não terem conhecimento suficiente nem serem escolarizados, faz com que não entendam que a qualidade do filho na escola brasileira é fraca. No entanto a falta de contato deles na vida escolar dos filhos, acaba não sendo por falta de vontade, mas por uma necessidade de trabalhar, de ir em busca de uma melhoria seja na situação financeira ou até mesmo em casa, para dar ao filhos as oportunidades que eles não tiveram, e por mais que a escola cobre uma participação efetiva deles isso não ocorrerá de forma rápida e nem sozinha, é necessário que professores, direção e principalmente os alunos estejam ligados no mesmo processo.

Desta forma entende-se que, apesar de escola e família serem agências socializadoras distintas, as mesmas apresentam aspectos comuns e divergentes: compartilham a tarefa de preparar os sujeitos para a vida socioeconômica e cultural, mas divergem nos objetivos que têm nas tarefas de ensinar o que acaba dificultando cada vez mais essa parceria entre ambas, pois os pais por vezes, acabam deixando essa função de ensinar apenas para escola. Então, vê-se que a relação família-escola está permeada por um movimento de culpabilização e não de responsabilização compartilhada.

No entanto, a família além de tudo deve criar um ambiente propício para a aprendizagem escolar, incluindo acompanhamento sistemático e orientações contínuas em relação aos hábitos de estudos e às tarefas escolares, feitas em casa. Deste modo, se faz necessário que os pais ou familiares dos alunos trabalhem em equipe participando dos eventos nos quais a escola abre espaços, de tal modo que venha afetar na tomada de decisões quanto as metas e aos projetos da escola como nos relata Dessen e Polonia (2005):

Em síntese, os pais devem participar ativamente da educação de seus filhos, tanto em casa quanto na escola, e devem envolver-se nas tomadas de decisão e em atividades voluntárias, sejam esporádicas ou permanentes, dependendo de sua disponibilidade. No entanto, cada escola, em conjunto com os pais, deve encontrar formas peculiares de relacionamento que sejam compatíveis com a realidade de pais, professores, alunos e direção, a fim de tornar este espaço físico e psicológico um fator de crescimento e de real envolvimento entre todos os segmentos. (DESSEN E POLONIA, 2005, p.307)

A escola precisa retratar as diferentes formas e estratégias adotadas pela escola com o intuito de evidenciar os progressos da criança, em diferentes níveis, para os pais ou responsáveis. Explicar as normas adotadas no funcionamento geral da escola, dos métodos de ensino e de avaliação e principalmente a abertura de espaços, onde os pais possam participar ativamente e dar

suas opiniões sobre estes temas. Como proposta que oriente os caminhos que possam ser construídos e percorridos pela comunidade escolar, juntamente com a família e com outros grupos que podem apoiar o trabalho realizado, desde o desenvolvimento da aprendizagem nas ações do cotidiano escolar contribuindo de forma significativa para o bom rendimento escolar. Entretanto, há muitos desafios a serem enfrentados por esses profissionais que deverão romper com alguns costumes que causam impactos na educação brasileira.

4 NOTAS SOBRE O MUNICÍPIO E A ESCOLA

Nesta sessão abordo um pouco da história da cidade e apresento um breve histórico acerca da Escola Estadual Senador José Gaudêncio, na qual foi realizada esta pesquisa.

4.1 O MUNICÍPIO DE SERRA BRANCA - PB

Serra Branca é um município brasileiro localizado na Região Geográfica Imediata de Sumé, Estado da Paraíba. Sua população em 2014 foi estimada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 13.637 habitantes.

A região do Cariri foi habitada por índios cariris, hábeis oleiros. Próximo de Campina Grande PB, que se iniciava como vila comercial e caminho de tropeiros, atraiu habitantes de outros lugares interessados em adquirir terras férteis.

No entanto de acordo com o site da cidade², em 1943, houve uma alteração no nome que foi mudado para Itamorotinga que em tupi significa: pedra-mó-toda-branca, ou simplesmente, pedra branca, alusão à serra Jatobá, que é conhecida por grande rocha de cor branca (que pode ser vista até do espaço), predominando sobre a caatinga se torna o local para o turismo, a luz do Sol é abundante e a paisagem vista de cima é deslumbrante.

Com o antigo nome de Serra Branca foi elevada à Cidade por Ato das Disposições Transitórias Constitucionais do Estado da Paraíba Promulgado em 11 de junho de 1947 e nela fixava a sede do Município, situação que permaneceu até 1951. A emancipação política foi alcançada em 1960.

4.2 A ESCOLA ESTADUAL SENADOR JOSÉ GAUDÊNCIO

A escola utilizada na pesquisa de acordo com o Qedu³ de 2018, é um portal que permite que a sociedade brasileira saiba e acompanhe como está a qualidade do aprendizado dos alunos nas escolas públicas e cidades brasileiras, fica localizada na área urbana da cidade, é um órgão de dependência estadual, que tem um total de 55 funcionários. Comportava, até 2018 312 alunos do

² Disponível em: <<http://www.serrabranca.pb.gov.br/historia/>> Acesso em 22 de novembro de 2019.

³ Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/escola/78669-eeefm-senador-jose-gaudencio/sobre>> Acesso em 22 de novembro de 2019.

ensino médio, 71 na educação de jovens e adultos (EJA) e 2 alunos na educação especial. Através do Censo Escolar de 2018, destaca-se o nível de aprovações, reprovações e abandonos de acordo com a tabela abaixo:

Tabela 1- Taxa de rendimento por etapa escolar.

Etapa Escolar	Reprovação	Abandono	Aprovação
Anos Iniciais	-	-	-
Anos Finais	-	-	-
Ensino Médio	12,4% reprovações	39 abandonos	5,3% 17 aprovações
			82,3% 257

Fonte: Censo Escolar 2018, Inep.⁴

Portanto, através desses dados é perceptível que a escola possui um alto nível de aprovações em 2018 chegando a 257 alunos. Diante disso, a escola tem como objetivos estratégicos melhorar o desempenho acadêmico dos alunos reprovados e que abandonam os estudos, buscando assegurar um desempenho de excelência na gestão, fortalecer a integração escola, pais e comunidade. Trazendo igualdade para formar os alunos tanto em conhecimento pedagógico quanto para a vida.

A visão das pessoas da Escola Estadual Senador José Gaudêncio é continuar sendo uma escola de referência na cidade de Serra Branca Paraíba, que leva o nome de escola de tantos prestígios pela qualidade de ensino que ministram, pela maneira como atendem os alunos e pela competência profissional da sua equipe. Pretende ser uma escola voltada para a qualidade no atendimento a todos que necessitem de seus serviços, de maneira eficaz, segura e responsável.

⁴ Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/escola/78669-eeefm-senador-jose-gaudencio/taxas-rendimento>> Acesso em 22 de novembro de 2019.

5 ESTUDO DE CASO: A ESCOLA ESTADUAL SENADOR JOSÉ GAUDÊNCIO

Nessa sessão será abordado toda a trajetória da pesquisa realizada na Escola Estadual Senador José Gaudêncio e todo o processo da coleta de dados. Seus objetivos estratégicos são de melhorar o desempenho acadêmico dos alunos, fortalecendo a integração escola, pais e comunidade. Nesta pesquisa utilizei a escola mencionada devido o estágio realizado.

Os sujeitos desta pesquisa foram: a diretora da escola, vinte e sete alunos do ensino médio, e sete pais desses alunos. A coleta de dados se deu através de questionários, com um total de trinta e nove perguntas dividido em: treze perguntas para os alunos do ensino médio, treze para os pais desses alunos e treze para a diretora da escola, conforme modelo no Apêndice A, B e C.

Todas as perguntas tinham o intuito de coletar as principais questões sobre o tema. Sendo analisadas através dos questionários com perguntas abertas, a respeito do entendimento deles sobre a importância da escola como instituição formadora, qual o papel da família no processo de aprendizagem, como é a interação família-escola, e o que os alunos acham sobre isso, dando ênfase no que pode contribuir no sucesso e no fracasso escolar.

De início a proposta da coleta de dados seria por meio de entrevistas através da gravação de áudio, mas por falta de tempo da direção e dos pais e por vergonha de alguns, optei pelo questionário com perguntas abertas para as três partes envolvidas principalmente os pais, na qual, preferiram não se identificar.

Assim, a aplicação dos primeiros questionários se deu no horário da manhã com os alunos após a permissão e consentimento da diretora e das professoras que estavam no momento na sala aula, visto que, o horário mais viável para os alunos seria esse. Então cada professor liberou 15 minutos da sua aula para aplicação destes questionários, cada turma tinha no máximo 25 alunos então optei por selecionar apenas 10 alunos do primeiro ano, 10 do segundo ano, e como os alunos do terceiro ano estavam em aula vaga apenas conseguir que 7 alunos respondessem o questionário proposto.

Num segundo momento após a aplicação dos questionários com alunos, tive uma breve conversa com a diretora perguntando quando a mesma teria tempo para conceder uma entrevista, e por ser no horário da manhã é onde tem mais movimento na escola a mesma relatou que seria um pouco inviável naquele horário, então ficamos certas para marcar num horário a noite na semana seguinte, no entanto aproveitei e já perguntei quando seria a próxima reuniões de pais e ela me

falou que seria mais difícil o contato com eles naquele momento, visto que o período de reuniões ainda estava um pouco distante, pois só acontece quando o bimestre está perto de acabar.

Vendo essa dificuldade, optei por enviar os questionários pelos alunos do terceiro ano, que se dispuseram a levar e pedir para os pais responderem, onde uma pessoa dos sete alunos ficaria responsável em recolher todos os questionários e me entregar assim que possível, visto que, tinha uma maior proximidade com eles por conhecê-los desde o período de estágio na escola.

Na semana seguinte os alunos conseguiram me entregar os questionários dos pais, porém voltei novamente a escola no horário da noite para realizar a entrevista com a diretora da escola, no entanto, não foi possível novamente por ela estar ocupada preparando documentos da escola para enviar para o Governo do Estado, então ela se disponibilizou de pegar o questionário responder e me ligar assim que terminasse, e foi assim que aconteceu.

Após alguns meses, tive que voltar novamente a escola, devido a necessidade de colher mais informações com os alunos, sobre o tema. Aplicando novos questionários com questões voltadas para o currículo, buscando analisar através das disciplinas ministradas em sala de aula, os fatores contribuintes para o sucesso e o fracasso escolar.

Deste modo, aos poucos e com muitos desafios e empecilhos pude conhecer a maioria dos participantes presencialmente ou por telefone e mensagens, na qual consegui recolher o máximo de informações possíveis para esta coleta de dados que teve início no período de abril e teve seu fim em outubro de 2019.

5.1 SUCESSO E FRACASO ESCOLAR - O PAPEL DA FAMÍLIA: O CASO DA ESCOLA ESTADUAL SENADOR JOSÉ GAUDÊNCIO

Aqui irei tratar das trajetórias percorridas durante o estudo, realizada na Escola Estadual Senador José Gaudêncio, onde irei analisar as respostas dos entrevistados. A análise de dados está presente em vários estágios da investigação, tornando-se mais sistêmica e mais formal após o encerramento da coleta de dados. Utilizando recursos como gráficos e apresentação das falas dos pesquisados de forma organizada.

5.1.1 Descrição e análise do questionário aplicado com a direção da escola

Dentre os trinta e cinco participantes da pesquisa, uma delas foi a diretora da Escola Estadual Senador José Gaudêncio, que tem como formação Licenciatura plena em história. O questionário aplicado com ela tinha o intuito de coletar as principais informações sobre o tema.

A pergunta inicial do questionário respondido pela diretora era qual o papel daquela escola para a formação dos jovens, e ela relatou que:

“O papel dessa escola é formar os jovens para a vida, tanto em conhecimento pedagógico quanto em despertar neles uma formação de cidadão”.

Seguindo esta mesma linha também foi perguntado qual a importância da família para o desenvolvimento e aprendizado dos alunos naquela instituição e ela respondeu:

“O papel das famílias na escola é muito importante, como em todas as outras escolas, visto que, a família educa e a escola ensina, mas infelizmente não temos uma grande maioria sendo parceira das escolas e isso ajudaria demais”.

Então percebemos que a diretora sabe da importância que tem a família no contexto escolar e que do mesmo modo que a escola prepara os alunos para a vida, a família precisa participar desse preparo, pois não depende apenas de um, mas de ambas as partes.

Em seguida foi perguntado se existe muita evasão e repetência e a diretora relatou *“que a evasão é maior que a repetência e ela ocorre nas turmas da noite do EJA”* (Educação de jovens e

adultos). No entanto de acordo com o INEP⁵ o índice de reprovação é maior no ano de 2018, então a resposta da diretora cai em contradição de acordo com dados exposto no site.

Então, essa evasão relatada pela diretora é causada principalmente pelas turmas da noite, onde esses alunos já são maiores de idade, ou são repetentes e que por muitas vezes optam por estudar a noite porque se submetem a trabalhar durante o dia para ajudar suas famílias. Às vezes também por questões individuais, desta forma acabam desistindo dos estudos, visto que, essa é a realidade de muitos estudantes brasileiros. Enfim, são diversos fatores que contribuem para essa evasão. Deste modo, não adianta os pais quererem cobrar da escola e do filho um estudo, se isso não é trabalhado em casa.

Em seguida ao questionar se os pais ou familiares participam das reuniões escolares, e fora as reuniões bimestrais quais atividades eram desenvolvidas na escola na qual proporcionasse uma maior interação entre ambas as partes e os que os pais achavam sobre elas, ela relatou que:

“Os pais participam das reuniões sim, mas não com a frequência ideal. E a escola oferece eventos que possibilitam essa interação como a quadrilha junina, socialização de atividades pedagógicas e à feira de ciências. E alguns pais que participam dizem que são boas, pois além de conhecimento, também é trabalhado com os alunos seu lado humano, proporcionando á eles assim a despertarem seu talento”.

Então podemos perceber de acordo com a fala da diretora, que a escola abre espaços para essa possível interação, mas são poucos os pais que realmente se disponibilizam a participar por vontade própria, pois na maioria das vezes só vão quando são chamados. E os poucos que participam acham muito importante todos os eventos desenvolvidos pela escola.

E logo em seguida foi perguntado o porquê ela achava a participação dos pais importante e a diretora respondeu *“a participação dos pais ajuda na contribuição do aprendizado dos alunos e na melhoria como ser humano.”*

Então para corroborar com o que foi dito pela diretora o MEC & UNESCO (2000, p. 56 *apud* DESSEN e POLONIA, 2005) afirma que:

A introdução de modelos e maneiras de propiciar a interação entre a família e a escola, reconhecendo a contribuição e os limites da família na educação formal é fundamental para “diversificar os sistemas de ensino e envolver, nas parcerias

⁵ Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/escola/78669-eeefm-senador-jose-gaudencio/taxas-rendimento>> Acesso em 17 de janeiro de 2020.

educativas, as famílias e os diversos atores sociais.” (MEC & UNESCO, 2000, p. 56 *apud* DESSEN e POLONIA, 2005, p. 305)

Em seguida foi perguntado como é a relação escola-família-professores, e se existia um receio por parte dos professores em serem cobrados e fiscalizados pelos pais e ela respondeu que:

“A relação é a melhor possível, pois cada um cumpre sua parte e sua obrigação e os pais, não todos, mas uma maioria sim. E os professores cumprem o que tem de ser feito e por isso recebem o reconhecimento das famílias”.

Observa-se que a escola utiliza mecanismos, para chamar atenção dos pais para a participação deles na escola, no entanto falta os pais recapitularem o valor e o sentido da responsabilidade compartilhada, visto que, a diretora relatou que os pais acham que têm apenas a responsabilidade de comparecer a escola apenas até o ensino fundamental e quando os filhos iniciam o ensino médio acabam deixando essa participação um pouco de lado. Então, isso acaba se tornando uma das grandes deficiências presentes nas escolas.

Então Bartolome (1981 *apud* DESSEN e POLONIA, 2005, p.306) aborda que “desde a década de 80, já propunha que a escola e a família atuassem como ambientes complementares, uma vez que tanto os pais quanto os professores têm grandes responsabilidades no desenvolvimento da criança e do adolescente”.

E para encerrar o questionário foi perguntado o que é mais exigido por parte dos pais, para uma melhoria no ensino, e em que medidas os pais estão envolvidos na educação de seus filhos e quais as possíveis barreiras. Então a diretora relata que:

“Os pais esperam que a escola ofereça uma educação de qualidade e na medida do possível cumprimos com essa expectativa, não é à toa que temos quase 90% de nosso alunado ingressando em cursos superiores todos os anos. Observamos que a maioria dos pais que se envolvem na educação de seus filhos, acompanhando-as, mas no mundo da tecnologia que estamos vivendo, principalmente com o celular, usado muitas vezes de forma errada se torna uma grande barreira.”.

Portanto, observa-se que a escola, a direção e os professores cumprem seu papel e estão de todo modo em busca dessa interação, ajudando os alunos na melhor forma possível. E sem esquecer as dificuldades que são encontradas no meio escolar. Através disso Dessen e Polonia (2005, p.310) destacam que “conhecer os processos que permeiam os dois contextos e suas inter-relações

possibilitaria uma visão mais dinâmica do processo educacional entre esses os dois agentes educacionais”.

5.1.2 Descrição e análise dos questionários aplicado com os pais dos alunos do ensino médio

Aqui sistematizei os resultados da análise dos questionários aplicados com os pais dos alunos. Estes questionários tiveram um total de sete participantes, sendo quatro mães, dois pais e uma tia, na qual as questões eram voltadas para o tema proposto, ou seja, como se dava a participação deles com a Escola Estadual Senador José Gaudêncio onde seus filhos estudavam, destacando isso através da fala dos mesmo e dos gráficos mostrando os dados obtidos.

De início foi perguntado a profissão e o grau de escolaridade deles com o intuito de obter mais informações, como é destacado no quadro abaixo:

Quadro 1- Identificação da profissão e do nível de escolaridade dos pais, segundo dados da pesquisa.

ESCOLARIDADE	PROFISSÃO
Mãe- Ensino fundamental incompleto	Empregada doméstica
Mãe- Ensino médio incompleto	Agricultora
Mãe- Ensino médio incompleto	Agricultora
Mãe- Ensino médio completo	Agricultora
Pai- Ensino médio completo	Agente comunitário de saúde
Pai- Ensino fundamental incompleto	Agricultor
Tia- Apenas alfabetização	Agricultora

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2019).

Em seguida, foi perguntado o que eles achavam sobre a importância da escola como instituição de formação e ficou claro de acordo com as respostas que, quando se fala em escola eles responderam que é o local de adquirir conhecimento e ir moldando os mesmos para a vida profissional e ensinar os alunos a serem cidadão de bem. Como bem se destaca nas falas:

“A escola exerce um papel muito importante na formação pessoal e profissional, além de complementar a base educacional que o estudante tem da família.”

“Educar e preparar o cidadão para a vida, ambas com o intuito de ampliar o conhecimento dos estudantes.”

Na qual apenas um dos sete pais respondeu que o papel da escola é: *“Educar o aluno para ele conseguir um espaço no mercado de trabalho”*.

Então observou-se que os pais tem uma visão de que o papel da escola, é complementar o a educação que esse aluno trás de casa, na qual a escolar também irar servir para educar o aluno para uma vida profissional que lhe insira no mercado de trabalho.

Deste modo, eles foram questionados sobre a importância da interação família-escola e o porquê eles achavam importante essa interação, a ideia central foi que ajuda no desenvolvimento dos alunos e também para manter uma ligação de informação entre gestores e pais, um colaborando com outro em prol do educandário, ajudando também para uma boa interação com os jovens, e principalmente para os pais saberem como anda o empenho de seus filhos na instituição, ficando mais fácil o aprendizado, bem como se destaca na fala abaixo:

“É muito importante que a família seja participativa em junção com a escola. Por questões de incentivo, educação, modo de interação e comportamento do aluno”.

“É importante para que as famílias tenham mais informações do desenvolvimento de seus filhos e possam estar presentes no âmbito escolar”.

“Porque tudo em conjunto se torna bem feito desde que ambas as partes tenham interesse. No caso nós como família e o corpo docente, que buscamos sempre o melhor para nossos filhos”.

“Pois vejo o desempenho da minha filha e as dificuldades da mesma”.

“Pois fica mais fácil ensinar e educar”.

Então para corroborar com esses pensamentos Oliveira e Araújo (2010) diz:

Escola e família são instituições diferentes e que apresentam objetivos distintos; todavia, compartilham a importante tarefa de preparar crianças e adolescentes para a inserção na sociedade, a qual deve ter uma característica crítica, participativa e produtiva. (OLIVEIRA e ARAÚJO, 2010, p.107)

Em seguida foi perguntado como é a participação deles na escola e se participavam de todos os eventos e reuniões em que a escola realizava. Então fica claro de acordo com algumas repostas,

que a minoria participa por vontade própria, e a grande maioria apenas vai quando solicitado, atribuindo a falta de tempo ao trabalho como fica claro em algumas falas:

“Minha participação não é constante, participo apenas quando sou solicitada pelo fato de trabalhar e não baterem os horários na maioria das vezes”.

“Participo das reuniões, e sempre participo quando sou solicitada. Assim acompanho o andamento do meu filho e da escola”.

“Minha participação não é constate, participo apenas quando sou solicitada pelo fato de trabalhar e não baterem os horários na maioria das vezes”.

Contrário a isto apenas dois pais relatam que:

“Tenho uma participação bem ativa e sempre participo dos eventos e das reuniões, pois gosto de observar e prestigiar o desenvolvimento dos alunos”.

“Sempre estou presente nas reuniões e eventos que a escola vem a realizar. Pois ao meu ver todos os pais deveriam ser sempre presentes na vida escolar de seus filhos, seja incentivando a melhorar ou para prestigia-los”.

Seguindo a mesma linha foi perguntado se a escola oferece tempo para um contato fora os eventos em que são solicitados e se tinham tempo para comparecer, então duas respostas me chamaram bastante atenção:

“Sim eles estão sempre abertos para conversas e para sabermos sobre o rendimento escolar, em horários opostos as aulas e em casos pessoais eles também entram em contato conosco. E sobre o tempo não posso estar sempre presente pois tenho outras coisas para fazer, no entanto sempre pergunto e procuro ajudar quando possível”.

“Sim em todas as reuniões sempre deixam o conselho para que os pais procurem mais a escola a fim de estar por dentro das informações que envolvem nossos filhos. No entanto trabalho muito e não ir com muita frequência, mas sempre pergunto como anda à escola, se está tudo bem com os estudos e notas, sempre incentivando a estudar”.

Então, fica claro que por mais que a escola abra espaços mesmo que restrito para essa possível interação, e os pais por mais que achem importante esse contato, são poucos os que realmente participam de forma ativa. Então Picanço (2012) relata a importância do contato dessas duas intuições:

O papel dos pais no estudo dos filhos é fundamental, senão o mais importante, porque o acompanhamento sistemático, metódico e constante permite que as crianças e jovens tenham uma organização e desempenho muito mais coerentes e lógicos, pois o apoio parental é crucial para o “crescimento” acadêmico, a criança sente-se “protegida” e acompanhada. (PICANÇO, 2012, p.45)

Corroborando com isso, foi perguntado aos pais se a profissão deles possibilitaria um contato contínuo com a escola: então, 3 pais afirmaram que a profissão possibilita sim um contato com a escola, e os outros 4 afirmam que não tem tempo para comparecer as reuniões ou aos eventos de forma contínua. Então fica claro de acordo com o que já foi dito acima, que por mais que a escola funcione os 3 turnos onde a diretora e professores estejam abertos para conversas, tirar dúvidas sobre a aprendizagem, os pais nem sempre têm tempo, porque geralmente estão trabalhando atribuindo a isso sua justificativa e como a maioria dos pais relataram, eles acham que por serem agricultores pensam que não podem ajudar os filhos, porque têm menos estudos do que eles.

Partindo desse ponto que os pais não comparecem com frequência na escola por dar prioridade ao trabalho, então foi perguntado se a renda deles possibilitaria um estudo melhor no futuro para os filhos: então 3 pais afirmam que a renda deles contribuiria para o futuro escolar e acadêmico dos filhos e 4 afirmam que não. No entanto, alguns relataram que: *“apesar da situação financeira da família não ajudar, eles sempre estão incentivando os filhos a irem em busca do melhor e estudar”*. Pois, é perceptível seguindo o conceito do capital cultural, que mesmo os pais não tendo tantas condições financeiras necessária para um estudo mais adequado para os filhos, que venha os beneficiar no futuro a exemplo da universidade, isso não significa que esse aluno vai ter um fracasso escolar. Pode ser um fator contribuinte, no entanto nenhum indivíduo se reduz ao pertencimento da sua coletividade, pois o ensino pode ser feito de várias maneiras, principalmente a partir do incentivo nas atividades escolares feitas em casa e na procura da busca do conhecimento, pois de acordo com a fala de uma das mães *“a educação é o único caminho para que seus filhos vivam melhor”*.

Em seguida ao perguntar como os pais participavam da educação dos filhos, dois relataram que participam:

“Alertando, educando com a disciplina adequada, ajudando nas matérias que necessita, nas atividades de casa e aconselhando”.

“Participo incentivando nos estudos procuro ajudar caso esteja indo errado em alguma atividade etc.”

No entanto, busquei ressaltar isto através da pergunta se eles acompanhavam as atividades escolares do filho feitas em casa diariamente, na qual 6 dos pais afirmaram que acompanham sim as atividades escolares feitas em casa pelos filhos e apenas 1 afirmou que não, por falta de tempo, por viver numa correria diária. Então é importante levar em conta que as tarefas de casa de acordo com Carvalho (2006 *et al DIAS, s.a, s.p*) são:

Estratégias de ensino que proporcionam a fixação e a revisão de conteúdo, reforçando e preparando para as aulas e para as avaliações através das leituras, exercícios e até mesmo de atividades familiares que estarão enriquecendo o que é proposto no currículo escolar, além de estar conectando o que é visto em sala de aula com o seu dia-a-dia.

Então é perceptível de acordo com as respostas que os pais não compareçam na escola ativamente, mas estão sempre dispostos ajudar os filhos com as atividades escolares que são passadas para casa, corroborando com o que foi dito Reis (2010, p. 22) explica que: “A escola, com certeza, não quer que a família seja responsável pelos conteúdos dados, mas que estimule ao filho em suas atividades”. Pois é uma parceria entre instituições distintas. No entanto o papel da família seria o de estimular no filho o comportamento de estudante e cidadão e o da escola seria orientar aos pais nos objetivos que a escola espera que o aluno atinja e de criar momentos para que essa integração aconteça.

Deste modo, compreende-se que a escola e a família são consideradas sistemas humanos em constantes interações que possuem como elemento de união o filho-aluno (REIS, 2010, p.22). Por esses motivos, a parceria entre essas duas instituições é fundamental para que o processo de aprendizagem tenha sucesso.

5.1.3 Descrição e análise dos questionários aplicados com os alunos do ensino médio

Aqui serão analisados os questionários aplicados com os 27 alunos do ensino médio, que teve como intuito entender qual a percepção que eles têm sobre os fatores que envolvem a escola e a família, buscando entender isso através das falas dos mesmos.

De início foi abordado qual a opinião que eles tinham sobre a função da escola e da família. E a ideia central das respostas foi que a escola deve ensinar para um bom futuro, buscando o aprendizado para tornar os alunos em profissionais e a família deve participar de todas as decisões e escolhas, também educar e ajudar a crescer como pessoa, para ter um futuro melhor, como ilustra as falas de cinco alunos:

“A escola tem um papel de suma importância na educação e na formação do indivíduo como cidadão, assim como é necessária para uma formação acadêmica e profissional, ensinando valores.”

“É fundamental para a constituição do indivíduo e para ele próprio, para formar pessoas capacitadas em todas as áreas possíveis.”

“A escola é fundamental para a construção do indivíduo, da mesma forma que contribuem para a evolução da sociedade. É nela onde as pessoas desencadeiam um de seus primeiros contatos sociais, logo, a mesma tem como principal objetivo passar o devido conhecimento e incentivo aos estudantes.”

“A família deve atuar como conjunto, junto a escola até pelo motivo de que os primeiros passos para a educação, são os ensinados pela família. Além de que o incentivo e apoio familiar pode e influencia na área escolar.”

“É fundamental que a família esteja sempre presente na vida escolar de seus filhos, seja participando dos eventos escolares, seja fazendo o acompanhamento dos mesmos no ambiente residencial, garantindo assim um maior rendimento e futuro profissional aos seus filhos. “

Então, foi analisado que os alunos têm uma ideia clara sobre o papel da família e da escola, principalmente que é necessário a família estar presente nos eventos da escola para os incentivar, pois “é entender que a relação que o aluno mantém com a escola está relacionada não só com o tipo de família, como, também com as relações que seus membros mantêm entre si. Porque é no momento que o filho é colocado na escola que o sistema familiar fica exposto” (REIS, 2010. p.22).

Foi perguntado aos alunos se os pais iam a escola com muita frequência e a grande maioria das respostas foi que “não”, iam mais quando eram chamados. Diante disso, surgiu o interesse de

perguntar quais eram os incentivos dados para as atividades escolares, já que relataram que os pais nem sempre estavam presentes na escola. Deste modo, destacam-se as falas dos alunos:

“Posso citar uma frase que eles sempre utilizam, “pense no seu futuro, agora você tem a gente e mais para a frente como vai ser?” Então eles sempre me ajudam e me incentivam a continuar e a melhorar”.

“Eles procuram sempre estar por dentro de tudo e sempre perguntam como podem ajudar”.

“Estude, pois, no futuro você irá precisar, mesmo que eu e seu pai não tenhamos muitos estudos. Você tem que correr atrás do seu futuro dê valor aos projetos e atividades da escola, faça tudo com dedicação, não falte nada”.

“Ajudam bastante para ter um bom desempenho em todas as atividades”.

Diante disso, busquei ressaltar se eles possuíam tempo e espaço para desenvolver junto aos pais, essas atividades escolares que eram feitas em casa. As respostas ficam claras, onde 28 dos alunos relatam que tem tempo e espaços para desenvolver as atividades escolares feitas em casa junto aos pais, no entanto, mais no início da noite, visto que, é o horário que eles estão mais disponíveis, que a partir das respostas já descrita pelos pais, os alunos afirmam que sempre os auxiliam nas atividades, trabalhos e em pesquisas na internet que são solicitados pela escola e apenas 1 relatou que nem sempre possui tempo, não relatando o motivo .

Corroborando com o que foi dito, para Keller-Laine (1998 *apud* DESSEN e POLONIA 2007, p.28) “o conhecimento dos valores e práticas educativas que são adotadas em casa, e que se refletem no âmbito escolar e vice-versa, são imprescindíveis para manter a continuidade das ações entre família e a escola”.

Pois, na perspectiva de Lahire, (*apud* NOGUEIRA, 2013, p.9):

Essa organização racional do cotidiano “tenderia a afetar os processos de socialização, favorecendo a constituição nas crianças de disposições consonantes com esse ambiente familiar, ou seja, uma maior propensão para o uso racional do tempo, para o cumprimento dos horários e para o planejamento das atividades”. Essas disposições seriam, por sua vez, de grande importância para uma boa adaptação dos alunos aos prazos, horários e aos objetivos associados à vida escolar.

Deste modo, por último foi abordado se eles achavam necessário a interação da escola com a família e se isso contribuía no sucesso escolar deles, onde 28 alunos acham que essa interação é necessária, visto que facilitaria no seu aprendizado e sucesso escolar, contribuindo para um conhecimento de ambas as partes, no entanto relatam que esta questão do sucesso deles vai muito além disso, vai desde também como o professor trabalha os assuntos em sala de aula. E apenas 1 acredita que não seria necessário, e que essa interação não serviria para uma melhor contribuição no estudo. Diante disso, é importante destacar o papel que os próprios alunos podem assumir diante das relações entre suas famílias e a escola, destacando a importância de suas influências, intersecções e interações para o sucesso escolar.

5.1.4 Sucesso e fracasso escolar: uma análise através do currículo

Como já descrito anteriormente no decorrer do trabalho, o sucesso e o fracasso escolar envolvem diversas questões que vão desde a estruturação familiar até como a escola estar trabalhando o currículo através das disciplinas ministradas em sala de aula, bem como relatou os alunos, então, partindo surgiu o interesse de analisar a estruturação desses fatores, partindo da ideia de Young (2011), fazendo uma breve análise do currículo, através das respostas descritas pelos alunos.

Partindo desse conceito foi perguntado aos alunos de todas as disciplinas trabalhadas em sala de aula quais eles obtiveram mais sucesso e porquê? Dentre as falas destacam a de 3 alunos:

“Português, história e biologia. Tive mais sucesso devido a forma como os professores repassavam os conteúdos”.

“História e geografia, e obtive mais sucesso nessas disciplinas pela forma como o professor abordava o conteúdo, pois era muito interessante, assim conseguia relacionar a aula com nosso dia a dia”.

“Matemática, pelo fato de o professor explicar bem a matéria e ser paciente com todos da turma”.

Então, é perceptível de acordo com as falas dos alunos que o sucesso escolar deles está ligado diretamente também com a metodologia que os professores abordam os assuntos das disciplinas em sala de aula relacionando com assuntos do cotidiano deles. Corroborando com o que foi dito Young (2011, p. 615) diz que as “disciplinas como história, geografia e física são as

ferramentas que os professores têm para ajudar os alunos a passarem da experiência ao que o psicólogo russo, Vygotsky, se referiu como “formas mais elevadas de pensamento”. No entanto as disciplinas segundo Young (2011) são:

Conjuntos de conceitos teóricos relacionados, tais como a cidade e os subúrbios para geógrafos urbanos e professores de geografia. Também são as formas de organização social que reúnem especialistas em disciplinas e lhes dão suas identidades. Às vezes, em geografia como em outras disciplinas, conceitos curriculares não têm um referente no ambiente de vida do aluno. Tais conceitos pertencem apenas a um mundo específico, constituído por pesquisadores especialistas envolvidos em desenvolver conhecimento novo. Bons exemplos são elétrons e átomos em ciências. Ao mesmo tempo, porque foram estudados e testados por especialistas, o acesso a eles é o modo mais confiável que temos para ampliar a compreensão do estudante. (YOUNG, 2011, p.616)

Então, o papel do professor é saber também conciliar as experiências e o conhecimento anterior que os alunos levam para a escola e o que os motiva inicialmente. Isso faz parte dos recursos que os professores têm para interagir com o estudante. Fazendo com que as disciplinas garantam a produção de novos conhecimentos, na qual os estudantes tenham acesso ao conhecimento mais confiável disponível em campos particulares, ao mesmo tempo oferecer pontes para quais os alunos possam usar de seus “conceitos cotidianos” aos “conceitos teóricos”. Deste modo causando a interdisciplinaridade que de acordo com Gilz e Scortegagna (2013, p. 5648) “é tanto uma proposta de ensinar e compreender os conteúdos escolares como uma forma peculiar de pensar e agir no contexto em que se vive”.

Charlot (2009 *apud* YOUNG, 2011, p.616) chega à conclusão de que os professores possuem duas tarefas pedagógicas fundamentais. A primeira é ajudar os estudantes a administrarem o relacionamento entre os conceitos das diferentes disciplinas que constituem o currículo e seus referentes em suas vidas cotidianas. A segunda é apresentar aos alunos conceitos que têm significados que não derivam de sua experiência nem se relacionam diretamente com ela.

Seguindo esta mesma linha foi perguntado aos alunos de todas as disciplinas quais eles não tiveram tanto sucesso escolar e porquê? deste modo destacam-se algumas falas:

“Física e química. Porque criei uma espécie de barreira desde o ensino fundamental o que gerou dificuldade na minha aprendizagem, dificuldade está presente até o ensino médio”.

“Matemática, porque a metodologia do professor era muito complicada”.

“Química e física, principalmente no 3 ano, são muitos conteúdos”.

“Química porque não gostei da metodologia do professor, dificultava na hora de praticar os exercícios”.

Então percebe-se de acordo com as respostas, que as disciplinas em que os alunos sentem maior dificuldade são as de maior carga horária, devido a metodologia do professor. Ou seja, de acordo com os dados apresentados e com as ideias de Gilz e Scortegagna (2013) os mesmos relatam e:

Reforçam a necessidade de se pensar a educação de forma integrada, pois muitas das dificuldades dos alunos apresentam relação com a forma como o conteúdo é trabalhado pelo professor, desestimulando, muitas vezes, o aluno e refletindo na sua aprendizagem e na percepção que este tem em relação a determinadas disciplinas. (GILZ e SCORTEGAGNA, 2013, p. 5653)

Assim, outro aspecto a ser considerado, está relacionado ao excesso de conteúdo típicos das disciplinas de caráter técnico. “Deste modo cada área apresenta suas particularidades, por isso, nem todas as estratégias utilizadas em uma disciplina serão efetivas em outras” (SANTOS, s.a, s.p). Portanto a forma com que os professores abordam as disciplinas, é um dos caminhos para atrair a atenção dos alunos e diminuir a dificuldade e desenvolver a empatia em relação à disciplina na qual eles sentem maior dificuldade.

Por fim fiz questão de abordar o que eles achavam sobre a disciplina de sociologia. Ficando destacada algumas falas:

“Gosto muito da disciplina, nos ajuda a compreender os aspectos sociais, a trabalhar a cidadania no cotidiano e contribui para a formação do senso crítico. No entanto sentir um pouco de dificuldade de aprender e relacionar diversas questões principalmente no segundo e no terceiro ano, pois os professores que ministravam as aulas, eram de outras disciplinas”.

“Gosto muito, porque envolve muito nossa sociedade e tudo ao nosso redor”.

“A sociologia nos incentiva a pensar em assuntos cotidianos que passam despercebidos sobre o meio que vivemos. No entanto o professor que ministra a aula tem dificuldades de desenvolver os assuntos, pois é professor de geografia”.

Então podemos perceber de acordo com os relatos dos alunos, que os mesmos sabem do significado e da importância que a disciplina de sociologia têm no entanto, a dificuldade exposta

por eles é através da falta de domínio dos professores em ministrarem as aulas, pois os alunos relataram que os professores eram de outra disciplina, visto que, esse é um dos maiores déficit da educação brasileira, em colocar qualquer professor numa determinada disciplina sem ser formado na área, apenas para cumprir carga horária. Pois, de acordo com YOUNG (2011, p.621) “a falta de professores bem qualificados é um dos maiores motivos pelos quais, em termos relativos, as escolas do governo não são tão bem-sucedidas”.

Assim sendo de acordo com Dias (2016) “a sociologia fornece instrumentos para a análise da sociedade, ajudando a pensar o lugar da educação na ordem social e a compreender as vinculações da educação com outras instituições (família, comunidade, igrejas, dentre outras)”. Isso significa tornar mais claros os horizontes da prática educacional e a relação com a sociedade histórica e contemporânea atual, além de oferecer as maneiras mais poderosas que temos para relacionar nossa experiência do mundo.

Portanto, a partir das análises percebemos que o currículo precisa ser visto como tendo uma finalidade própria, o desenvolvimento intelectual dos estudantes. Apenas ressalto que a lacuna entre o “Conhecimento poderoso” abordado por Young (2007) e a sociedade em torno dessa classe de indivíduos tem que ser preenchida pelo professor e seu olhar pra cada aluno, adequando o conteúdo buscando com criatividade chamar a atenção do aluno para o aprendizado. Agregar outros conhecimentos é somar e não anular o compromisso com o currículo estabelecido pelo sistema educacional, nem com suas regras, mas vale salientar que Young (2007) destaca que enquanto educadores, não vejamos o currículo como um modelo a ser seguido à risca e sim uma inspiração para adequação e esse olhar tem que partir de quem ensina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, o procedimento da pesquisa proporcionou observar, além das possibilidades teóricas da participação dos pais no contexto escolar, analisar quais os fatores geradores do sucesso e fracasso escolar dos alunos. Como foi apresentado nas sessões anteriores a família e a escola são instituições distintas, no entanto, são as pontes para contribuírem no desenvolvimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, o objeto de estudo deste trabalho, a Escola Estadual Senador José Gaudêncio, com base nas observações e nas informações levantadas e nos dados obtidos, vem destacar que, de acordo com as respostas da diretora, percebi que o papel da família é muito importante, que essa participação existe no entanto, não tem uma grande maioria sendo parceira. Pois, a escola abre espaços voltados tanto para as famílias como para a sociedade, eventos esses como a quadrilha junina, exposição das atividades pedagógicas e a feira de ciências afim de mostrar o que está sendo trabalhado no entanto, são poucos os pais que comparecem, atribuindo a falta de participação na escola ao trabalho. Através disso, a diretora relata também que a participação dos pais ajuda na contribuição do aprendizado dos alunos, pois os pais esperam que a escola cumpra seu papel numa educação de qualidade, no entanto, isso também têm que partir deles.

Com as análises das falas e dos gráficos dos pais, percebi que a participação sempre vai existir e existe nessa escola, apenas alguns pais participam mais do que outros, onde alguns só vão à escola quando são solicitados e outros relatam que tem uma participação bem ativa e presente. Visto que 57% dos pais relatam que devido a profissão deles, é o que impossibilita a falta de participação continua na escola. Porque, fica claro que independente da participação na escola eles estão sempre *“Alertando, educando com a disciplina adequada, ajudando nas matérias que necessita, nas atividades de casa e aconselhando.” (FALA DE UMA DAS MÃES).*

Já de acordo com as análises dos gráficos e das falas dos alunos, percebi que para eles a escola têm um papel de suma importância e a família deve atuar juntos nesse processo, visto que, de acordo com os alunos, eles acreditam que essa interação é fundamental para o processo de aprendizagem e contribuiria muito para o sucesso escolar, pois dessa forma se sentem mais à vontade em mostrar o que estão apreendendo e desenvolvendo na escola.

No entanto, o sucesso e fracasso escolar se põe em questão, a partir do momento que perguntei sobre as disciplinas trabalhadas em sala de aula, visto que os alunos relataram que esse sucesso escolar dependeria sim da participação dos pais, porém não adiantaria eles estarem sempre presentes, se não tivessem domínio nos conteúdos trabalhados em sala de aula, para desenvolver os projetos e atividades propostos pela escola.

Então a partir das falas dos alunos, percebi que o sucesso escolar estar ligado tanto com a participação dos pais nos eventos escolares quanto nos incentivos dados a todas as atividades, outro fator contribuinte é através da metodologia que os professores utilizam em sala de aula, relacionando teoria e prática pois, na visão dos alunos essa seria uma das formas com que eles mais se desenvolviam e aprendiam os conteúdos sobre as disciplinas pois, isso seria justamente o papel do currículo, não focar apenas em conteúdos fechados mas relacionar determinados assuntos com a realidade do aluno.

E o fracasso escolar estaria relacionado com a falta de domínio dos professores em relacionar e abordar um conhecimento interdisciplinar principalmente em disciplinas de maior carga horária, atribuindo a isso a falta de entendimento dos alunos, causando a dificuldade de assimilação nos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Outra questão importante é que os alunos têm uma visão muito do senso comum em relação com a disciplina de sociologia, visto que, eles relataram que os professores que ministravam as aulas não eram formados na área, causando uma certa dificuldade nos alunos em conseguir compreender os assuntos, então isso se tornaria uma das questões geradora do fracasso escolar.

Portanto, chego à conclusão de que o conceito de participação é muito complexo, que envolve conceitos sociais, pessoais, históricos, dentre tantos outros. Que família e escola possuem papéis comuns e distintos no que se referem ao ensino e aprendizagem que por vezes são confundidos, mesmo assim tais instituições precisam assumir suas responsabilidades que lhes cabe, no sentido de garantir que aprendizagem aconteça de forma positiva na vida escolar do aluno/filho. Pois, os pais dos alunos, direção e os alunos envolvidos nesta pesquisa têm uma compreensão do que é participação. Pude perceber que os pais sabem muito bem quais são seus deveres perante à escola de seus filhos, ao mesmo tempo em que eles têm consciência da participação que a escola espera da família.

Então de acordo com os relatos a participação familiar é um fator contribuinte no sucesso escolar dos alunos, e por mais que a diretora tenha relatado que cada professor cumpre seu papel,

os alunos ainda sentem falta de uma abordagem interdisciplinar capaz de possibilitar as diversas conexões entre os conteúdos e sua aplicabilidade no cotidiano da sociedade, o que chega a ser um auxílio tanto para os professores como para os alunos, desta forma melhorar as situações em relação aos desafios do processo de ensino e aprendizagem, diminuindo assim as dificuldades que possam causar o fracasso do alunado em determinadas disciplinas.

Desta forma, a educação está em constante crescimento, embora possua permanentes atributos em constante variação, para se adaptar às necessidades que vão surgindo no meio social. Acontece de modos diferentes, nos mais diferentes lugares e ainda assim, todos participam dela, para tanto, a educação deverá oferecer instrumentos e condições que ajudem o aluno a aprender a aprender, e a pensar. Uma educação que ajuda a formular hipóteses, construir caminhos, tomar decisões, tanto no plano individual quanto no plano coletivo. Deste modo para Moraes (1997, p. 211 *apud* REIS, 2010, p.14-15) “o papel da escola neste mundo que se transforma, deve estar equilibrado entre uma função sistêmica de preparar cidadãos tanto para desenvolver suas qualidades como para a vida em sociedade”.

Assim, reafirmo a importância dessa parceria entre essas duas instituições (escola e família) para o desenvolvimento e para o benefício de algo que ambas têm em comum, isto é, a educação dos alunos/filhos. Espero que este trabalho possa ter continuidade, pois esse tema gera muitas discussões e é inesgotável. E que as escolas, principalmente as públicas olhem para seus direitos e democraticamente busquem melhorar o ensino e ter profissionais qualificados para a nova geração que vem passando por grandes mudanças.

REFERÊNCIAS

- BINDO, Márcia. Bernard Lahire: "**A escola é a estrutura estável de quem vive numa família instável**". Nova escola, 2014. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/872/bernard-lahire-a-escola-e-a-estrutura-estavel-de-quem-vive-numa-familia-instavel>> Acesso em 29 de outubro de 2019.
- BIKLEN, Sari Knopp KNOPP; BOGDAN, Robert C. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto editora: LDA, 1994.
- BODART, Cristiano; SILVA, Roniel Sampaio. **A importância do capital cultural: contribuição de Pierre Bourdieu**. 2010. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/importancia-do-capital-cultural/>> Acesso em 31 de outubro de 2019.
- BURBULES, Nicholas C; TORRES, Carlos Alberto e colaboradores. **Globalização e educação perspectivas críticas**. Porto Alegre: Artmed. 2004.
- DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. Em busca de uma compreensão das relações família e escola. **Psicologia escolar e educacional**, v. 9, n. 2, p. 303 – 312, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v9n2/v9n2a12.pdf>> Acesso em 16 de outubro de 2019.
- DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>> Acesso em 16 de outubro de 2019.
- DIAS, Bruna Diana. **A importância da Sociologia no ambiente escolar**. Pensar a educação em pauta: um jornal para a educação brasileira. 2016. Disponível em: <<https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-importancia-da-sociologia-no-ambiente-escolar-exclusivo/>> Acesso em 26 de novembro de 2019.
- DIAS, Stefania Germano; OLIVEIRA, Flávio Pereira de; SOUZA, Josefa Nandara Pereira de; SILVA, Larissa Brito da; SUASSUNA, Maria Aparecida Ferreira Menezes. **A importância da participação dos pais na educação dos filhos no contexto escolar**. Faculdade Santa Maria. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA6_I D1840_24072015180937.pdf> Acesso em 17 de junho de 2019.

GILZ, Claudino. SCORTEGAGNA, Adalberto. **A percepção do aluno do ensino médio em relação as dificuldades de aprendizagem.**2013. Disponível em:
<https://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9683_4992.pdf> Acesso em 11 de novembro de 2019.

HISTÓRIA DE SERRA BRANCA. Disponível em:
<<http://www.serrabranca.pb.gov.br/historia/>> Acesso em 22 de novembro de 2019.

IOSCHPE, Gustavo. **O que o Brasil quer ser quando crescer?** São Paulo: Paralela, 2012

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa:** guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares:** As razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. **A abordagem de Bernard Lahire e suas contribuições para a sociologia da educação.** 36ª Reunião Nacional da ANPED Goiânia-GO, 2013.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; ARAÚJO Claisy Maria Marinho. A relação família escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 99-10., jan. /mar. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artexttpid=S0103166X2010000100012&lng=entnrm=iso>. Acesso em: 2 maio 2019.

O QUE É O QEDU. QEDu academia. Disponível em: < <https://academia.qedu.org.br/como-usar/navegue-no-qedu/o-que-e-o-qedu/>> Acesso em 22 de novembro de 2019.

PEREIRA, Clarice Simão. **A contribuição de Michael Young para o currículo.** Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

PICANÇO, Ana Luísa Bibe. **A relação entre escola e família:** As suas implicações de ensino-aprendizagem. LISBOA, maio de 2012. Disponível em:
<<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2264/1/AnaPicanco.pdf>> Acesso em 16 de outubro de 2019.

PIOTTO, Debora Cristina. **A escola e o sucesso escolar**: Algumas reflexões á luz de Pierre Bourdieu. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/debora_piotto.pdf> Acesso em 30 de outubro de 2019.

REIS, Liliani Pereira Costa dos. **A participação da família no contexto escolar**. Salvador: trabalho de conclusão de curso em pedagogia. Universidade do estado do departamento de educação. Colegiado de pedagogia, 2010. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/62004427/monografia-liliani-pereira-costa-dos-reis>> Acesso em 16 de outubro de 2019.

RODRIGUES, Márcia. **Conhecimentos dos Poderosos**, Conhecimento Poderoso e o “quase” poderoso e suas implicações para o currículo, 2014. Disponível em: <<http://praticassocioeducativas.blogspot.com/2014/11/conhecimentos-dos-poderosos.html>> Acesso em 25 de outubro de 2019.

SANTOS, Ma. Vanessa Sardinha dos. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/>> Acesso em 11 de novembro de 2019.

SOUSA, Gaspar Alexandre Machado de. **“Para que servem as escolas?”**, de Michael Young – comentário, 2014. Disponível em: <<http://praticassocioeducativas.blogspot.com/2014/11/para-que-servem-as-escolas-de-michael.html>> Acesso em 15 de outubro de 2019.

TAXA DE RENDIMENTO. Senador Jose Gaudencio (EEEFM). 2018. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/escola/78669-eeefm-senador-jose-gaudencio/taxas-rendimento>> Acesso em 22 de novembro de 2019.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educ.Soc.**, Campinas, vol.28, n.101, p.1287-1302, set/dez.2007.

YOUNG, Michael. O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas. **Revista Brasileira de Educação** v. 16 n. 48 set.-dez. 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuaria/Downloads/v16n48a05.pdf>> Acesso em 14 de novembro de 2019.

ZAGO, Nadir. **Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações família e escola**: questionamentos e tendências em sociologia da educação. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17155/17155.PDFXXvmi>> Acesso em 26 de setembro de 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

- 1- Idade?
- 2- Série?
- 3- Na sua opinião qual o papel da escola?
- 4- Na sua opinião qual a função da família?
- 5- O que os pais ou responsáveis falam sobre a escola em que estuda?
- 6- Quais os incentivos dados para as atividades da escola?
- 7- De todas as disciplinas que estudou quais você aprendeu mais ou menos? Porquê.
- 8- Por que você gostou da disciplina de sociologia? Ou porque não gostou?
- 9- Na sua opinião você acha necessário essa interação da escola com a família, e isso contribui para o seu sucesso escolar?
- 10- Seus pais ou responsáveis vêm a escola com muita frequência?
- 11- Você se sente à vontade com a presença dos pais ou responsáveis nos eventos da escola?
- 12- Participam dos eventos promovidos pela escola? Quais.
- 13- Quando você precisa, você tem tempo e espaço em casa para estudar?

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO DOS PAIS

- 1- Qual sua profissão e grau de escolaridade?
- 2- Na sua opinião qual o papel da escola como instituição de formação?
- 3- Qual a importância da interação família-escola?
- 4- Porque você acha importante esse contato com a escola?
- 5- Como é a sua participação na escola em que seu filho estuda? E você participa de todos os eventos e reuniões que a escola realiza?
- 6- A escola oferece tempo e espaço para um contato fora os eventos em que são solicitados? E você tem tempo para acompanhá-los nessas atividades?
- 7- Como você participa da educação dos seus filhos?
- 8- O que você gostaria que a escola em que seu filho estuda, realizasse para melhorar essa relação família-escola?
- 9- Sua profissão possibilita ter esse contato contínuo na escola?
- 10- Você comparece sempre que solicitado?
- 11- Você acompanha as tarefas do seu filho diariamente?
- 12- Você consegue tirar as dúvidas com os professores ou com a direção da escola sobre o aprendizado e desenvolvimento do seu filho?
- 13- Sua renda possibilita um estudo melhor para seu filho (a)?

APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO DA DIREÇÃO

- 1- Formação?
- 2- Qual a o papel dessa escola para a formação dos jovens?
- 3- Qual a importância da família para o desenvolvimento e aprendizado dos alunos dessa instituição?
- 4- A escola segue um modelo mais tradicional ou aborda uma escola mais inovadora. Porque?
- 5- Existe muita evasão e repetência?
- 6- Os pais ou familiares participam das reuniões escolares com que frequência?
- 7- Quais as atividades desenvolvidas na escola que proporcionam a interação com os pais ou responsáveis?
- 8- Os mesmos participam dessas atividades? E o que eles acham sobre elas?
- 9- Por que a participação dos pais é importante?
- 10- Como é a relação escola-família-professores?
- 11- Existe um receio por parte dos professores em serem cobrados e fiscalizados pelos pais? Porque.
- 12- O que mais é exigido por parte deles, para uma melhoria no ensino?
- 13- Em que medida os pais estão envolvidos na educação de seus filhos e quais são as possíveis barreiras?